

As representações sociais de criança e as tecnologias: uma proposta de metodologia de pesquisa

*Social representations of the child and technologies: a proposal for
research methodology*

Viviane de Bona

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE
Doutoranda do Programa de pós-graduação
em Educação. vividbona@hotmail.com

Lícia de Souza Leão Maia

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE
Professor Universitário . limaia@ufpe.br

Este artigo apresenta os procedimentos metodológicos da pesquisa de mestrado desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática e Tecnológica da UFPE, trazendo ainda uma síntese dos resultados obtidos no processo investigativo, permeada por algumas reflexões suscitadas no referido processo, com o objetivo de contribuir com o debate acerca do lugar das crianças em nossa sociedade, de modo especial a pesquisas que as privilegiem como participantes.

O que nos motivou para a realização da pesquisa foi a necessidade de apreender como a criança é representada na sociedade contemporânea, que é caracterizada pela presença massiva das tecnologias em quase todas as ações diárias, transformando cada vez mais a vida social e, direta ou indiretamente, o dia-a-dia infantil. Ao se falar das tecnologias na atualidade, estamos nos referindo principalmente aos produtos provenientes da eletrônica, da microeletrônica e das telecomunicações, ou seja, tecnologias digitais da informação que influenciam as formas de se relacionar e interagir, seja entre pessoas, ou mesmo com os objetos.

Diante dessa gama de recursos com os quais as crianças estão em contato com maior ou menor intensidade, questionamos: será que as tecnologias da informação, em especial, as digitais, têm influenciado a concepção de criança que a sociedade apresenta hoje?

Nosso trabalho focaliza a criança como um sujeito que ativamente se insere no mundo tecnológico e a partir dele elabora referências pessoais e sócio-culturais. Apresentaremos a seguir, nossos pressupostos teórico-metodológicos, juntamente com as justificativas de nossas escolhas, e posteriormente uma síntese dos resultados obtidos na investigação.

Pressupostos teóricos e escolha dos participantes da pesquisa

O avanço da tecnologia transforma cada vez mais o dia-a-dia das crianças. Este ritmo impresso pelo desenvolvimento tecnológico possibilita às mesmas, facilidade para realizar diversas atividades ao mesmo tempo. Permitindo pensar, agir e interpretar o ambiente no qual está inserida, de uma forma mais dinâmica (ROSADO, 2006).

Entendemos que o avanço da tecnologia da informação contribui para a construção de novas concepções do “ser criança”. Segundo Ariès (2006), a infância é uma construção da modernidade, a qual possui conseqüências constitutivas sobre estes sujeitos em formação.

Os estudos que propõem a constituir uma história da infância desde o clássico trabalho de Ariès (2006) e de pesquisadores que estudam a infância (CHOMBART DE LAUWE, 1991; POSTMAN, 1999; PINHEIRO, 2001; SALLES, 2005; BUCKINGHAM, 2007) vêm contribuindo para uma reflexão que problematiza a concepção de criança. A criança, que já foi figura secundária saiu da obscuridade e tem adquirido, notadamente na contemporaneidade, cada vez mais visibilidade social (MENEZES, 2009).

Nos dias atuais as tecnologias são vistas como transformadoras das ações e comportamentos das crianças (ROSADO, 2006; BUCKINGHAM, 2007; OLIVEIRA; VILLARDI, 2006, BELLONI, 2001). O mundo tecnológico da informação parece tomar conta ou pelo menos parte do mundo infantil. As crianças são apresentadas como mais espertas, autônomas, cada vez mais precoces em se relacionar com temas que fazem parte do chamado mundo

adulto. Estaria então, a tecnologia modificando a concepção de criança? E a criança, como se situa hoje?

Dessas reflexões surge a indagação que orientou nosso trabalho: Será que as tecnologias da informação, em especial as digitais, uma vez que há um galopante desenvolvimento e sua propagação, têm influenciado na maneira como a sociedade define criança hoje?

Visamos responder essa questão a partir do estudo de como professores e alunos pensam a criança na sociedade contemporânea. A opção por grupo de alunos e professores ocorre porque não obstante o reconhecimento crescente da criança como pessoa dotada de capacidades, como sujeito de direitos, como participante ativo e construtor de cultura (CASTRO, 2001) observamos que, em várias áreas do conhecimento, as abordagens sobre a temática infância, ainda se centram em perspectivas que se configuram em pesquisas sobre crianças. A nosso ver, faz-se necessário investir em pesquisas com crianças, de modo a compreender o que elas têm a dizer sobre si mesmas e sobre o mundo que estão co-construindo na contemporaneidade, marcada pelo uso intensivo das tecnologias da informação. Diversas referências abordam a implicação e os efeitos da tecnologia no dia a dia da criança. Porém, poucas abordam a criança como sujeito da pesquisa.

A escolha destes sujeitos de pesquisa parte ainda, do entendimento que tanto a criança quanto o adulto apresentam possibilidades distintas de compreensão das experiências que compartilham, respeitando, porém as diferenças cognitivas e também as relações que as crianças e adultos estabelecem com os objetos, vividos e experimentados de formas distintas por cada um deles.

Para compreender o sistema de relações estabelecidas entre a infância e as tecnologias, é necessário um entendimento do que é ser criança, uma vez que elas próprias têm poucas oportunidades de, sem sofrer o controle dos adultos, manifestar-se sobre si e o seu cotidiano.

Foi nosso intuito, privilegiar uma perspectiva infantil sobre a questão do estudo, entendendo o processo de construção do conhecimento como co-construção, no qual a criança seja protagonista na produção de cultura e de conhecimento, com oportunidade de se apresentarem por elas mesmas (CARVALHO et al, 2004), bem como proporcionar que profissionais que estão em contato com crianças também apresentem suas representações sobre

esses sujeitos. Desta forma, buscamos identificar a relação entre a concepção de criança e a presença da tecnologia na sociedade, em especial na escola, propondo-se estudar de maneira científica o conhecimento do senso comum sobre a criança, levando em consideração a própria concepção de sujeito e como nasce o conhecimento a partir das relações sociais.

Adotamos por referencial de análise teórico-metodológica a teoria das representações sociais, proposta por Moscovici (2007), tendo em vista a possibilidade que a mesma oferece ao entendimento dos sentidos comuns e ações que são partilhados por determinados grupos sociais em função de sua pertença histórico-cultural. Assume-se, então, que a formação do sujeito é sempre influenciada pelas mudanças do contexto social e que o próprio sujeito é também protagonista dessas mudanças.

Este referencial teórico reconhece o homem como agente do seu próprio conhecimento do mundo, levando em consideração a importância da imagem que o homem faz de si mesmo e de seu meio, na determinação da maneira de se conduzir ou de explicar as experiências vividas ou pensadas. O produto dessa interação é um conhecimento particular que corresponde ao que Moscovici chamou de representações sociais (MAIA, 2001).

As representações sociais são teorias do senso comum, através das quais realidades sociais são interpretadas e construídas. São estruturas de conhecimento cognitivas e afetivas, oriundas da relação de reciprocidade entre o indivíduo e a sociedade, que facilitam e orientam o processo da informação social (JODELET, 2001).

Entendemos que a teoria das representações sociais nos ajuda a compreender que o conhecimento é propagado, na sua dinâmica, entre suas dimensões: científica e social. O conhecimento estudado pela teoria das representações sociais é um conhecimento elaborado e partilhado que ajuda a apreender os acontecimentos da vida cotidiana, a dominar o ambiente, a facilitar a comunicação de fatos e idéias e situar informações frente a pessoas e grupos, orientando e justificando os comportamentos dos sujeitos. É um conhecimento socialmente elaborado, porque se serve de informações, crenças, modelos de pensamentos que os sujeitos recebem e transmitem através da tradição, da educação e da comunicação social, constituindo-se a partir da experiência pessoal de cada ser (ALVES-MAZZOTTI, 2000).

Sendo assim, buscamos identificar as representações sociais de criança compartilhadas por 200 professores e 52 alunos de escola pública de Recife – PE, pois acreditamos que as formas de conhecimento do senso comum sobre as crianças diante das tecnologias da informação, de certa maneira, orientam como as pessoas agem com as mesmas. De acordo com Sarmento (2005, p. 376),

ao falarmos de crianças, não estamos verdadeiramente apenas a considerar as gerações mais novas, mas a considerar a sociedade na sua multiplicidade, aí onde as crianças nascem, se constituem como sujeitos e se afirmam como atores sociais, na sua diversidade e na sua alteridade diante dos adultos.

Discutindo o método: a participação das crianças pesquisa

Conforme mencionamos anteriormente, neste artigo gostaríamos de dar ênfase à proposta metodológica desenvolvida com as crianças, enquanto participantes da pesquisa seguindo orientações da teoria das representações sociais.

Dessa forma, para a apreensão das representações sociais de criança foi utilizado tanto procedimento de caráter quantitativo, quanto de caráter qualitativo compreendendo que as perspectivas adotadas são complementares para a investigação, enfatizando-se a dimensão plural das representações sociais.

A teoria das representações sociais oferece um instrumental teórico-metodológico de grande utilidade para o estudo do pensamento e das condutas de pessoas e grupos. Na medida em que o conhecimento do senso comum é elaborado a partir dos processos de objetivação e ancoragem, segue uma lógica natural que orienta condutas, possibilitando a comunicação, para compreensão e explicação da realidade social.

Em relação ao planejamento da coleta de dados, nossa preocupação maior era de escolher instrumentos que fossem possíveis ser adaptados ao público infantil, para que a partir da coleta empírica, obtivéssemos resultados passíveis de interpretação e discussão.

Na revisão da literatura sobre os métodos utilizados para a coleta de dados, encontramos perspectivas metodológicas que permitem uma aproximação científica do problema como questionários, entrevistas, observações, utilizados conjuntamente, abordando de forma plurimetológica o problema.

Realização da pesquisa

A realização da pesquisa seguiu a ordem de etapas sucessivas que configuraram a sistematização da coleta e análise dos dados. Foram realizados dois estudos, sendo o estudo 1 realizado com professores e o estudo 2 com alunos.

Partindo de uma etapa inicial (estudo piloto comum aos dois estudos) que teve como objetivo verificar a adequação das expressões indutoras e a aplicação do instrumento de coleta com crianças, bem como definição da faixa etária dos alunos participantes, delineou-se os encaminhamentos metodológicos para a continuidade da pesquisa.

A efetivação das demais etapas de coleta ocorreu a partir da aplicação dos questionários de associação livre (realizado com professores e alunos) e entrevistas (realizadas com os alunos).

Consideramos o estudo piloto como a primeira etapa da pesquisa, pois o mesmo foi fundamental para a decisão dos instrumentos metodológicos e a dinâmica de aplicação, principalmente com crianças. Nossa preocupação na definição da idade dos alunos participantes era em função da escolha do instrumento de pesquisa. Alguns estudos em representação social, quando realizados com crianças participantes, apelam para desenhos como técnica complementar. Nossa intenção foi a de enriquecer as propostas metodológicas de aplicação a esses sujeitos utilizando exclusivamente a linguagem oral. Desse modo, concordamos com Cabral et al. (2006 apud LEITE, 2008, p. 128) quando afirma:

Crianças falam de modo muito peculiar. Elas usam a linguagem de maneira muito diferente. Tem seu próprio vocabulário, suas próprias regras gramaticais e sua própria sintaxe. Adultos podem muitas vezes surpreender-se pela forma inovadora e profunda como as crianças lidam com a linguagem. A acepção errônea que adultos podem fazer é que não conhecer a forma correta, signifique dizer que as crianças não sabem falar, expressar suas idéias e seus sentimentos corretamente – o que é um engano. Crianças se utilizam da linguagem com muita consciência, competência e criatividade – principalmente a linguagem oral – o que os faculta a possibilidade de exercitar e desenvolver uma capacidade imaginativa privilegiada. São capazes, inclusive, de brincar com as palavras.

Dessa forma, orientados pelo estudo piloto e também por estudos que tiveram crianças como participantes (VASCONCELLOS, 2008; PINHEIRO, 2008; DUARTE, 2008; KRAMER; LEITE, 2008; JOBIM E SOUZA; CASTRO, 2008; MENEZES, 2009; DEMARTINI, 2009) na etapa 2 da pesquisa, primeiramente

mostrávamos o gravador e pedíamos a permissão para a gravação, posteriormente preenchíamos o gênero, a idade e a série que estuda. A criança então era convidada a participar de um jogo realizado da seguinte forma: a pesquisadora iria dizer uma palavra e ao escutar esta palavra ela deveria dizer outras cinco que ela pensasse, ou que passasse em sua cabeça sobre essa palavra. Com o intuito de ilustrar esse rico procedimento de coleta de dados, apresentamos a seguir a transcrição de alguns diálogos do momento de coleta com as crianças¹:

A 4 – Menina– 8 Anos

Pesquisadora: Como é o nome da escola?

A 4: *Escola M B*

Pesquisadora: A sua idade?

A 4: *8 anos*

Pesquisadora: A série?

A 4: *Terceira*

Pesquisadora: Terceira? Tem uns amigos dizem que é segunda.

A 4: *é porque é terceiro ano.*

Pesquisadora – Ah! Por isso que eu perguntei. Então eu vou colocar terceiro ano. Certo.

A 4: *certo*

Pesquisadora – A gente vai fazer um jogo. Como que é esse jogo. Eu vou te dizer uma palavra e dessa palavra você tem que me dizer cinco. O que vier na sua cabeça. Não tem certo não tem errado. Tudo o que você pensar você me diz que eu vou anotando. Você entendeu? Então como que é? Eu te digo uma e você me diz...

A 4: *outra*

Pesquisadora – Outras cinco certo? A palavra é: criança. O que vem na sua cabeça quando você escuta criança.

A 4: *Brincar*

Pesquisadora - Brincar

A 4: *passar*

Pesquisadora - Passar. O que mais?

A 4: *nadar*

Pesquisadora –Nadar. O que mais?

A 4: *fazer esporte*

Pesquisadora – Fazer esporte.

A 4: *e estudar*

Pesquisadora: Ótimo. Foi rápido né? Agora são duas palavras. Está preparada? Eu te digo duas e você me diz cinco sobre essas duas. O que você achar. As palavras são: tecnologia e criança.

A 4: *computador*

Pesquisadora: computador. o que mais?

A 4: *celular, MP3*

Pesquisadora: mp3. Faltam duas, já foi computador, já foi celular, já foi mp3.

A 4: *Karaôquê e DVD*

¹ A letra maiúscula A seguida da numeração representa a criança e a ordem em que ela foi entrevistada. Destacamos o gênero e a idade de cada participante.

A 23 – Menina – 11 anos

Pesquisadora: A sua idade?

A 23: *11 anos*

Pesquisadora: Como é o nome desta instituição, dessa escola?

A 23: *o nome dela?*

Pesquisadora: É

A 23: *Escola M B*

Pesquisadora: A série que você estuda?

A 23: *quarta.*

Pesquisadora: A gente vai fazer um jogo certo. Você gosta de brincar?

A 23: *gosto*

Pesquisadora: Então é assim eu vou te dizer uma palavra e você vai me dizer cinco palavras que surgirem na sua cabeça, o que você pensar sobre essa palavra você me diz. Só que eu te digo uma e você me diz...

A 23: *cinco.*

Pesquisadora: Cinco. Não tem certo, não tem errado. É o que você pensar ta bom. A palavra é: criança

A 23: *brincar, estudar, também gosta de ler, escrever e pintar.*

Pesquisadora: Ótimo. Agora eu vou te dizer duas palavras e você continua me dizendo cinco. Só que as palavras são: tecnologia e criança. O que vier na sua cabeça sobre tecnologia e criança. O que vier.

A 23: *pegar um livro.*

Pesquisadora: Livro. O que mais?

A 23: *controle, vídeo game, abrir a janela, pegar o lápis.*

Esses diálogos ilustram como as crianças compreenderam a dinâmica desenvolvida para a associação livre e o quanto foi tranquila a sua realização. As crianças se mostravam muito interessadas. Dos 52 alunos participantes, apenas dois não concluíram a entrevista. Uma porque ficou muito inibida, após um demorado silêncio, perguntamos se ela gostaria de parar e a mesma concordou. A outra porque possui deficiência auditiva, o que dificultou a nossa comunicação.

Em síntese, a coleta com os alunos participantes foi orientada pelo seguinte roteiro: preenchimento dos dados de identificação, dinâmica para associação livre com as expressões indutoras criança, tecnologia e criança. Conversa sobre as palavras evocadas, questionando se sabe o que é tecnologia e se as utiliza, nesse momento esclarecíamos as dúvidas em relação à tecnologia e tentávamos conceituá-las dizendo que tecnologia é tudo que foi construído pelo homem para a sua sobrevivência e que existem diferentes tipos de tecnologia, umas que precisam da energia para ser ligadas e outras não. Passávamos então para o preenchimento das tecnologias que utiliza na escola e em casa ou em outros lugares. E finalmente discutíamos sobre a influência das tecnologias na vida das pessoas e o que é ser criança.

Ao final das entrevistas individuais em cada instituição, que duraram em média meio período, nós retornamos à sala de aula onde realizamos conversas coletivas com todos os alunos. Esse momento também foi gravado, e a pedidos, escutamos todos juntos esse momento coletivo, pois estavam curiosos para saber como ficaria a gravação. Combinamos que poderíamos apenas escutar a conversa em que todos participavam e não as individuais, porque levaria muito tempo. Assim, conseguimos saciar a curiosidade dos participantes e ao mesmo tempo manter em sigilo as informações das entrevistas individuais.

A aplicação dos questionários de associação livre aos 200 professores ocorreu de forma individual ou em pequenos grupos de professores que foram contactados em diferentes escolas. Estivemos presentes também em dois encontros dedicados a professores de escola pública. A instrução foi dada coletivamente e/ou individualmente para que cada participante escrevesse nas lacunas do questionário as primeiras cinco palavras que lhe viessem à mente, imediatamente, quando lesse cada expressão-indutora quais sejam: Criança e Tecnologia e Criança.

Como já mencionamos, tanto a coleta quanto a análise foram divididos em dois estudos (estudo 1 com professores e estudo 2 com alunos). A seguir apresentaremos uma síntese dos resultados de maneira conjunta entre os dois estudos.

Síntese das associações feitas pelos alunos e professores às expressões indutoras

De forma geral os alunos se posicionaram destacando aspectos de diversão, sócio-educativos e afetivos. Em relação à expressão indutora criança, foram evidenciadas duas palavras: brincar e estudar.

Em relação à expressão tecnologia e criança, as associações mais frequentes foram os aparelhos tendo como mais citados: televisão, computador, rádio e para que utilizam esses aparelhos descritos nas palavras: brincar e estudar.

Essa primeira aproximação com o campo semântico das duas expressões indutoras nos mostra que a criança associa as vivências de seu dia-a-dia e demonstra de que forma a tecnologia esta presente nesta vivência. Essas palavras são similares às associações mais frequentes dos professores.

Notamos que de uma forma geral os alunos definem a criança tendo como foco o que também parece ser suas principais atividades como brincar e estudar.

Percebemos ainda, que os elementos são mais descritivos e definidores das características a si atribuídas.

Essas dimensões se aproximam das dimensões encontradas no estudo dos professores. De acordo com Chombart de Lauwe; Feuerhahn (2001, p. 286)

os aspectos das representações sociais são comuns a um grupo, uma coletividade ou uma sociedade. Os indivíduos que dela fazem parte compartilham da mesma forma de perceber e representar um mesmo objeto – no caso, a criança –, de lhe atribuir características e até mesmo de categorizá-lo em classe – a infância.

Quanto à utilização da tecnologia, em especial do computador para o estudo e atividades pedagógicas observamos que foi evidenciada justamente pelos alunos que freqüentam as instituições com salas de informática e com maior acesso ao computador e às tecnologias. Esse caráter formativo das tecnologias é valorizado quando há um incentivo e uma conscientização de seu uso. As tecnologias são incorporadas em seu meio porque possuem atrativos e porque permitem o que consideram peculiar no mundo infantil, que é a diversão e a brincadeira. Assim, compreendemos que a escola tem um papel importante no incentivo da utilização dos recursos tecnológico como um caráter educativo e formativo. Encontramos reflexos tanto do que se compartilha entre alunos e professores, quanto do contexto escolar, local onde foi realizada a coleta de dados.

Citando algumas pesquisas que analisou o discurso dos alunos sobre um dia na escola Mollo (1975 apud CHOMBART DE LAUWE; FEUERHAHN, 2001) mostra as representações dos alunos face a normas e ritmos de uma instituição. Nossos dois estudos enfatizam, assim como o da referida autora, que existem influências da representação do aluno pelo professor sobre seus comportamentos a seu respeito, bem como sobre o comportamento do aluno em resposta.

Ressaltamos na análise das associações livres que os alunos entrevistados compartilham a representação de criança, em que estão presentes a escola, as brincadeiras e os momentos de lazer. Descrevem a infância como um tempo predominantemente feliz, sem preocupações. Nas associações com a tecnologia os alunos evidenciam os aparelhos presentes no cotidiano e como os utilizam. Para elas as tecnologias fazem parte de sua vida, de sua casa, da escola e de seu mundo.

As tecnologias sempre desempenharam um papel importante na sociedade, e os atores sociais ao usarem-nas, tecem redes comuns de significados em torno

delas. Elas não têm o mesmo significado para todos: é o uso que se faz delas que lhes dá sentido, o que torna necessário pensá-las a partir daqueles que com elas se relacionam mais diretamente.

Tanto no estudo do aluno, quanto no do professor, o computador primeiramente incorporado como, jogo, diversão, lazer, é ressignificado como um recurso de aprendizagem. Conforme Oliveira; Villardi (2006, p. 60-61) “dependendo do contexto social, pode ganhar várias representações no imaginário dos grupos: de símbolo de status a mera máquina de escrever dotada de mais recursos, de valioso recurso pedagógico a videogame sofisticado”.

Considerações finais

Nosso objetivo maior neste artigo foi, destacar a metodologia utilizada com participantes crianças na pesquisa. Ao priorizar as narrativas dessas crianças, o interesse foi desencadear processos que suscitasse outros olhares, outras formas de dizer e de interagir nas investigações com crianças.

No processo de construção desta proposta de investigação com as crianças e professores priorizamos não somente um olhar, mas o posicionamento de profissionais e alunos sobre o tema. Nesta perspectiva, foi possível identificar onde os discursos se encontram e se distanciam, buscando desenvolver os estudos não numa visão idealizada da infância, mas numa perspectiva de compreensão sobre a vivência da criança e sua relação com as tecnologias.

Com efeito, ao oportunizar à criança momentos de fala, foi possível constatar sua disponibilidade e competência para falar de sua vida, dos eventos dos quais toma parte, das pessoas com quem convive, instituições em que circula e das tecnologias que utiliza.

Por fim, esperamos que o trabalho apresentado possa contribuir à produção do conhecimento no campo da infância, suscitando o interesse no aprofundamento da temática pelo desenvolvimento de mais pesquisas que gerem novos posicionamentos sobre as crianças na contemporaneidade.

Resumo: O presente artigo faz referência a uma pesquisa que buscou caracterizar a criança contemporânea relacionando-a com as tecnologias que estão presentes em quase todas as ações diárias, transformando cada vez mais a vida social e direta ou indiretamente o dia-a-dia infantil. O campo investigativo foi o contexto escolar e teve como protagonistas alunos e professores da escola pública. Este trabalho utilizou a teoria das representações sociais (MOSCOVICI, 2003) como fundamento para responder questões que se referem à concepção de criança e sua relação com a tecnologia. Neste artigo, propõe-se discutir as estratégias metodológicas utilizadas com as crianças para a apreensão de suas representações sociais. Os resultados obtidos apontam aspectos que parecem se perpetuar em relação à definição de criança, tais como: o brincar, ir para a escola, e bons sentimentos. Em relação à tecnologia é evidenciada a dimensão lúdica e formativa como possibilidade de facilitar o processo de aprendizagem. As tecnologias estão sendo integradas na vida cotidiana das crianças e a elas são atribuídas as suas possibilidades de utilização no ensino.

Palavras-Chave: Criança e tecnologias; Metodologia; Representações sociais.

Abstract: This paper reports a research on the contemporary view of the child, relating it to the technologies that are present in almost all daily actions, capable of turning increasingly to social and directly or indirectly the day-to-day child. The investigative field was the school context and its protagonists students and teachers of public schools. This work uses the theory of social representations (Moscovici, 2003) as a basis to answer questions concerning the conception of children and their relationship with technology. However, it was aimed in this article, to highlight the methodological issues with children used to obtain the results summarized at the end of this paper, we show some aspects that seem to perpetuate itself in relation to the definition of a child such: as playing, go to school, and good feelings. In relation to technology is evident in the entertainment and educational dimension of these devices. The technologies are being integrated into the everyday lives of children and they are assigned their potential use in the teaching.

Keywords: Child and technologies; Methodology; Social representations.

Referências

ALVES-MAZZOTTI, A. J. Representações Sociais: desenvolvimentos atuais e aplicações à educação. In: CANDAU, V. M. **Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender.** (ENDIPE) – Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família.** 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BELLONI, M. L. **O que é mídia-educação.** Campinas – SP: Autores associados, 2001.

BUCKINGHAM, D. **Crescer na era das mídia eletrônicas.** São Paulo: Loyola, 2007.

CASTRO, L. R. Da invisibilidade à ação: crianças e jovens na construção da cultura. In: CASTRO, Lucia Rabello de (org). **Crianças e jovens na construção da cultura.** Rio de Janeiro: FAPERJ, 2001.

CARVALHO, A.M.A. et al. O uso de entrevistas em estudos com crianças. **Psicologia e estudo,** Maringá, v.9, n.2, 2004.

CHOMBART DE LAUWE, M-J. **Um outro mundo:** a infância. São Paulo: perspectiva, 1991.

_____; FEUERHAHN, N. A representação social na infância. In: JODELET, D. (org). **As Representações Sociais.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

DEMARTINI, Z. B. F. Infância, pesquisa e relatos orais. In: FARIA, A. L. G. et al. **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças**. 3.ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2009.

DUARTE, R. (org). **A televisão pelo olhar da criança**. São Paulo: Cortez, 2008.

JOBIM E SOUZA, S.; CASTRO, L. R. Pesquisando com crianças: subjetividade infantil, dialogismo e gênero discursivo. In: CRUZ, S. H. V. **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008.

JODELET, D. (org). **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

KRAMER, S.; LEITE, M. I. **Infância: fios e desafios da pesquisa**. 10.ed. Campinas-SP: Papirus, 2008.

LEITE, M. I. Espaços de narrativa: onde o eu e o outro marcam encontro. In: CRUZ, S. H. V. **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008.

MAIA, L. S. L. O que há de concreto no ensino da matemática? **Zetetike**. Campinas: FE/UNICAMP, v.9, N.15/16, 2001, p. 77-98.

MENEZES, K. L. M. **Conversando com crianças: posicionamentos e sentidos em construção sobre família em contextos de conflito na justiça**. Dissertação. (Mestrado em Psicologia), Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, 2009.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social**. 5.ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2007.

OLIVEIRA, E. S.G.; VILLARDI, R. M. **A infância e a modernidade do ciberespaço: os desafios da interação entre criança e computador**. Informática na educação: teoria & prática. Porto Alegre, v.9. n.1, jan/jun. 2006

PINHEIRO, A. A. A. (et al.) Como se significam as crianças: representações sociais que as crianças têm da infância. In: CRUZ, S. H. V. **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. A criança e o adolescente como sujeitos de direitos: emergência e consolidação de uma representação social no Brasil. In: CASTRO, Lucia Rabello de (org). **Crianças e jovens na construção da cultura**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2001.

POSTMAN, N. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

ROSADO, J. R. **História do Jogo e o game na aprendizagem**. 2006. Disponível em: <<http://www.comunidadesvirtuais.pro.br/seminario2/trabalhos/janaina.pdf>> Acesso em janeiro de 2010.

SALLES, L. M. F. **Infância e adolescência na sociedade contemporânea: alguns apontamentos**. Revista: Estudos de psicologia. Campinas. 22 (1), Janeiro-Março, 2005, p.33-44.

SARMENTO, M. J. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação e sociedade**. V. 26, n. 91, maio/ago, 2005. p. 361-378.

VASCONCELLOS, K. M. **Convivendo com a alteridade: representações sociais sobre o aluno com deficiência no contexto da educação inclusiva**. Dissertação. (Mestrado em Psicologia), Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, 2008.

Recebido em outubro de 2010

Aprovado em dezembro de 2010